

HUGO E BAUDELAIRE

Etienne Decroux

Apresentação e tradução: George Mascarenhas

George Mascarenhas é ator e diretor teatral, doutor em Artes Cênicas, formado em mímica corporal dramática pela Ecole de Mime Corporel Dramatique de Londres.

mascarenhas.george@gmail.com

Hugo, Baudelaire e Prometeu **George Mascarenhas**

No texto a seguir, Etienne Decroux expressa sua opinião pessoal sobre dois grandes poetas franceses, frequentemente colocados em oposição, para pensar sobre a natureza do fazer artístico. Não se trata, porém, apenas de um texto sobre a literatura de Victor Hugo (1802-1885) e Charles Baudelaire (1821-1867). Trata-se, sobretudo, de um discurso político sobre o caráter prometeano da arte e sobre o desejo do autor de que sua mímica corporal seja uma arte “de pé, em um mundo que está sentado”.

A paixão de Etienne Decroux pela literatura, especialmente a poesia, vem à tona lado a lado com o seu pensamento político, de inspiração anarquista, para pensar o papel da arte. Suas opiniões controversas, apresentadas com a ironia característica dos textos decrouxianos, revelam um entendimento pessoal e profundo da arte como um ato político, estético, ideológico, mas apartidário. “Eu era a favor de Trotsky quando ele foi deposto por Stalin, mas se Trotsky tivesse poder, eu seria contra ele”, afirma Decroux, revelando as bases do seu pensamento político.

Para Decroux, a arte deve incitar revoluções, transformações, convocando as pessoas a fazer algo, ao invés de permanecer, resignada e confortavelmente, sentadas. A arte deve

ser tão transgressora quanto Prometeu que, ao ver os homens condenados a vagar no frio e na escuridão, rouba o fogo sagrado dos deuses para dar-lhes de presente e é, por essa razão, condenado a passar a eternidade preso a uma rocha, tendo o fígado comido diariamente por uma águia. No *Prometeu Acorrentado* de Eurípides, a pena deve servir para que o Titã aprenda a respeitar a autoridade de Zeus e, ao mesmo tempo, renunciar seu *amor pela Humanidade*. Para Decroux, é justamente esse amor pela humanidade, o motor das transgressões que podem mudar o mundo. “Hugo e Baudelaire” é um agradável convite à reflexão sobre o papel político do artista e da arte na sociedade.

HUGO E BAUDELAIRE¹

Etienne Decroux

Desde 1922, eu tenho convivido com alunos que têm pais abastados, ou, jovens que, de algum modo, não precisam trabalhar para viver. Quase sempre, eles não gostam de Victor Hugo, mas adoram Baudelaire. Falaram mal de Hugo: parece que fizeram uma antologia dos seus piores trabalhos. E isso é fácil de fazer, porque uma das características de Hugo é que ele nunca reescreve. Ao invés de corrigir um poema, notamos que ele preferia escrever outro. Este não é o caso de Baudelaire.

É fácil encontrar defeitos em Hugo. Mas o que se deve fazer é confrontar o trabalho de Hugo que eu chamo de “denso” com o trabalho de Baudelaire, já que geralmente se crê que Baudelaire seja o mais denso dos dois. Baudelaire não se solta – ele não escreve o que passa em sua cabeça, não é um rio nem uma torrente. Cada linha é cuidadosamente escrita; ele tem um número de poemas densos muito maior do que Hugo.

Eu tenho trabalhado em uma antologia de Hugo nos últimos trinta ou quarenta anos (talvez ela seja publicada depois de minha morte) para mostrar que Hugo tem todas as qualidades que admiramos em outros poetas, incluindo a densidade, - essa habilidade de dizer algo profundo em poucas palavras.

¹ Texto original: DECROUX, Etienne. HUGO AND BAUDELAIRE. In LEABHART, Thomas (ed). Mime Journal – nos. 7 & 8. Pomona College, 1978. Tradução autorizada pelo editor.

Hugo tem todas as qualidades de Baudelaire, se olharmos com cuidado e, mais ainda, ele as tem em um número maior. Isso quer dizer que o número de versos de Hugo que têm uma qualidade densa é maior do que o trabalho de Baudelaire. Vamos supor que coloquemos meia-página dos alexandrinos de Hugo e meia-página dos alexandrinos de Baudelaire, de valor igual, lado a lado. Agora, mostre-as a jovens em escolas de teatro e pergunte-lhes o que elas acham. Eles preferirão Baudelaire. E por quê? Vou dizer a você. (Por favor, entenda que estou tentando dizer apenas o que penso, no que acredito).

É porque os filhos de pais abastados têm um temperamento revolucionário. As pessoas, assim como os cavalos, precisam empurrar contra alguma coisa. Elas precisam quebrar pratos e gritar: “eu não concordo”! Elas se revoltam com seus pais, porque os pais são especialmente culpados, tendo-lhes ensinado a escovar os dentes depois das refeições, barbear-se, engraxar os sapatos, a dizer “Bom dia, senhora!” e “Obrigado” e aprender na escola o que for ensinado.

Os pais são certamente os cavaliços dos filhos. Essas crianças tiveram, como os psiquiatras dizem, uma “infância infeliz”. Foi-lhes ensinado a limpar o nariz, a não espirrar na mesa; a não colocar a bandeja no meio, ao se servirem, mas passá-la a quem estiver do lado. Até ensinaram-lhes a falar! Que martírio! De repente, eles precisam se revoltar!

Um dia, eu falei com uma jovem sobre um poeta subversivo. Ela disse: “Todos os poetas são subversivos”. Sim, mas quando ela escutou versos que eram realmente subversivos, ela não ficou contente. O que é esta subversão? Contra o que exatamente eles estão se revoltando? Contra todas as regras, exceto aquelas que dizem que o dinheiro no banco deve permanecer lá e não pode ser retirado, a não ser pelo próprio dono. Revolução, sim, mas não desordem. Que aqueles que têm continuem a ter. Que suas posses não sejam rompidas. Que os operários continuem nas minas de carvão e que de lá não saiam, exceto para se barbear e depois voltar para o carvão.

Nos Estados Unidos, há revoluções sociais, que não são assim denominadas, mas são, todavia grandes movimentos nos quais as pessoas de classes mais baixas sobem alguns graus. Um trabalhador não é mais infeliz nos Estados Unidos do que em outros lugares. Ao contrário, há melhorias na escala de vida dos trabalhadores. Mas aqueles em altas posições

preferem permanecer assim e não querem ser ameaçados por aqueles que sobem a escada social.

Mesmo que não haja mudanças importantes, é preciso reclamar ou resistir um pouco. O que fazer? Pintar quadros abstratos. E a dança, que já é abstrata, tornam-na concreta, só para serem diferentes. Há um emaranhado selvagem de revoltas que são contra abstrações quando as formas de arte são tradicionalmente abstratas e contra o concreto quando a arte é tradicionalmente concreta. E há também a revolução sexual. Como os pais disseram “em primeiro lugar, quando houver convidados, comporte-se! Não se desabotoe! Não faça pipi no chapéu dos convidados!” Tudo isso é, claro, um tédio. Os pais também dizem: “Se você gostar de uma mulher, não salte sobre ela como algum tipo de fera selvagem. Tente ganhar o consentimento dela e, quando você tiver o consentimento, tente comportar-se de modo aceitável. Não se esqueça, Deus está vendo você!”.

Os filhos estão cansados de tudo isso em, se um poeta é erótico, é como se eles se liberassem ao lerem o poema. É como brincar de revolta!

Muitas estátuas foram erigidas para Hugo; nenhuma para Baudelaire. A Prefeitura disse: “Devemos honrar aqueles que amam a humanidade”.

As pessoas que andam nas ruas deveriam ver as coisas que exaltem nelas um amor pela humanidade. Se não se ama a humanidade, não se pode amar os melhores poemas de Victor Hugo. Prefere-se Baudelaire, assim como se prefere uma canção de amor ao invés de uma canção sobre desastres do outro lado do mundo, pessoas morrendo de fome em lugares distantes, ou pragas no Oriente Médio. Esses assuntos não são interessantes para os egoístas.

Do mesmo modo, prefere-se ser conformista, no que se refere à política, e revolucionário em outras áreas; prefere-se Baudelaire a Hugo. Os amantes de Baudelaire não lograram me fazer odiar Baudelaire. Eu leio Baudelaire. Eu sei muitos dos seus poemas de cor. Eu conheço seus sentimentos, o que ele pensa.

Eu disse às vezes “Baudelaire é o irmão doente de Hugo.”. É notável como os dois são sempre comparados, mas nunca um deles com um terceiro. Você não ouve com frequência uma discussão dos méritos relativos de Hugo e Musset, Hugo e Vigny, Hugo e Lamartine. É

sempre Hugo e Baudelaire, Baudelaire e Hugo. Obviamente, eles se parecem. Eles têm uma forma parecida de escrever, algo do crepúsculo com várias luzes e sombras. Sentimos que são da mesma família, mas um goza de boa saúde – Hugo – e o outro está doente – Baudelaire.

A mímica é uma arte política, mas não política do jeito que alguns, como eu, diriam – do modo do Trotskismo, Stalinismo ou anarquismo. É política ou Prometeica em oposição à religião. O pensador do século XX, Alain, escreveu que a música e a pintura são artes religiosas. Eu acrescentaria que a versificação é uma arte política ou Prometeica, uma arte na qual o homem faz coisas. O homem não estava contente em viver em uma caverna. Ele é o rival de Deus, quando faz coisas. Ele faz estátuas. É como se ele dissesse a Deus: “O homem que você fez não é bonito. Vou fazer outro. A caverna não é bonita. Vou fazer um monumento.”

Visto deste modo, podemos dizer que a mímica é o oposto da dança. Não é aceitação. Alguns tipos de quadros são como desenhos, outros tem cores superpostas e misturadas, a ausência de fronteiras, como o céu. Há nuvens, mas não apenas nuvens. Leva-se muito tempo para identificar uma cor e percebe-se que ela se transforma em outra. É o que vemos no oceano, ou quando vemos flores ao longe. Não sabemos quando começam ou terminam. Ou, ao vermos uma fogueira de Natal² queimar, não sabemos onde a chama começa e onde termina. Há cores – amarelo, vermelho, azul, preto. Onde elas começam e terminam? E eu penso em “Seja feita sua vontade, assim na Terra como no Céu”. Sentimos que a pessoa que pode indicar isso sem hesitação é o pintor. Ele não muda as coisas, ele as retrata. Se olharmos para as coisas para fazer um retrato delas, não somos rivais de Deus, não somos como Prometeu que quer roubar o fogo dos céus. Queremos olhar, verificar.

É a mesma coisa com a música. Ao invés de mudar as cores, ela muda o som. Esses sons são as vozes que Joana d’Arc ouviu. Há aqueles que ouvem vozes, aqueles que têm visões.

É de algum modo surpreendente que a dança seja religiosa. Não se pensa em dança nas igrejas, mas eu vi isso no Harlem. Lá, os devotos dançavam com um tipo de música

2

acordeônica que não tinha nada das características usuais da cerimônia religiosa. É como a pintura na qual não se sabe onde começa nem onde termina. Há neste movimento semelhante ao de uma mola, uma ausência de fronteiras. Por exemplo, a descida e retorno ao alto é como uma bola que quica no chão. Pode-se filmar isso e ver uma bola que cai no chão e quica, mas não se pode ver onde começa ou onde termina. E quando não se pode ver o início ou o fim de alguma coisa, não se tem controle sobre ela. Não se pode capturar, porque capturar significa primeiro ver o contorno de algo. Se alguém pode ver algo, pode também capturá-lo. E se pode capturá-lo, pode deslocá-lo. E se pode deslocá-lo, o homem torna o mundo sua própria imagem. Essas são ideias que eu chamo fundamentalmente Prometeanas. Se não fossemos Prometeanos, Deus não ficaria contente. Deus nos deu os meios para agir, não simplesmente para contemplar.

A religião cristã não é tão simples assim; não é fatalismo sistemático. Deus deve se divertir ao ver que os homens competem com Ele. Deus diz: “Eu lhes dei a matéria, agora façam algo de belo com ela”.

Eu não acho que a mímica tenha uma função especial para mostrar que o capitalismo é melhor do que o socialismo, ou que o melhor método para realizar o socialismo é seguir Bakunin, ou os socialistas reformados, ou a gangue de Bonnot, ou a revolta individual ou o Marxismo. Nada disso me interessa. Obviamente, eu era a favor de Trotsky quando ele foi deposto por Stalin, mas se Trotsky tivesse poder, eu seria contra ele. Estou falando do espírito político que é o espírito prometeano.

Quando um ator de short está deitado no chão, é toda uma nação que está deitada. E quando ele se levanta vagarosamente, você vê o seu jogo muscular. Depois disso, ele vem e vai, levanta coisas, arremessa. Ele é autoconfiante e há uma relação com a arte Prometeana.

A mímica é exemplar. Ela faz com que se queira fazer o que ela faz. Ela faz com que se queira levantar. É como Victor Hugo. Quando alguém lê Victor Hugo, diz para si mesmo: “Não fique aqui! Faça algo!”. Quando alguém lê Baudelaire, diz: “Não há nada a fazer, vamos ficar sentados”. Alguém que seja egoísta tem uma consciência clara quando aprende que não há nada a fazer. Ele diz para si mesmo: “Eu queria mesmo ficar sentado. Minha

consciência pode ter dito para eu fazer algo, mas aqui tem um autor que me diz que é inútil levantar-se. Eu não vejo porque eu deveria me privar de ficar sentado”.

Quando Baudelaire é político, é de modo deprimido. Ele deixa felizes os preguiçosos, já que Baudelaire, com seu gênio, sempre parece estar sentado quando escreve. Ele pode até mesmo ter escrito deitado em um divã. Fica-se contente ao se ler Baudelaire sentado. Sua poesia não é um convite a levantar-se.

Com Victor Hugo, é diferente. Mesmo quando ele está deprimido, há uma parte dele que ainda tem esperança. E se Baudelaire falasse com esperança, saberíamos que uma parte dele estaria deprimida.

Eu percebo fortes sentimentos de depressão tanto em Hugo quanto em Baudelaire. Percebemos que Baudelaire está pensando: “tudo está perdido”. Enquanto Hugo, quando ele diz que tudo está perdido, é para insultar as pessoas e fazê-las levantarem-se. Hugo é um poeta político, Baudelaire é um poeta do amor. Há um grande conflito entre o amor que se tem por uma mulher e o amor pela humanidade. Todos “amam”, mas poucas pessoas amam a humanidade. O direito de votar pertence a todos, mas o amor pela humanidade, não. Os apreciadores de Hugo, portanto, sempre serão uma minoria.

Em todos os países e em todas as eras esses dois tipos existem. No século XVII eram Corneille e Racine. Sabemos bem que Racine era um gênio, que escreveu apenas peças boas. Também sabemos que Corneille era um gênio que muitas vezes escreveu peças que fracassaram. Mas quando ele se ergueu, ergueu-se mais alto do que Racine. É sempre assim. Mas as pessoas preferem Racine. Os jovens, filhos dos ricos, preferem Racine porque Racine parece dizer: “Você está sentado, fique aí!” E Corneille parece dizer: “Você está sentado? Levante-se”.

No século XVIII, é um pouco parecido. Voltaire e Rousseau representam ideias de um mundo novo. Voltaire parece dizer: “Sabe, vamos ter uma revolução em dez anos mais ou menos, e quando a plebe se confundir com a razão, tudo estará perdido”. Mas veja o sorriso de Voltaire. Rousseau disse simplesmente: “Levante-se!” Seu próprio comando parece ser feito por um escultor. Voltaire parece escrever como um pintor, seu pincel passando sobre as arestas. Rousseau cria arestas.

Rousseau é mais referido nos grandes movimentos sociais do que Voltaire. Se Rousseau tivesse visto a Constituição dos Estados Unidos, ele teria aprovado. Na Revolução Francesa, sua influência foi vista. Mas as pessoas de berço liam Voltaire, dizendo: “Ele era subversivo, revolucionário, mas de todo modo, ele sabia comportar-se em sociedade. Aquele outro, de modo algum”. Você encontra esse espírito em todo lugar.

Acima de tudo, o mímico deve querer dizer aos homens (porque seus músculos estão trabalhando). “Tudo é possível. É a vontade que falta, não a força”. A arte deveria ser exemplar. Ela está quase condenada a ser exemplar.

O que mais falta ao homem é a vontade, a constância da vontade. O homem trabalha para ganhar a vida, e no fim do dia, não quer se incomodar com os interesses superiores da humanidade. Ele quer dormir. Ele é preguiçoso no que se refere a coisas públicas. Deixamos que venham as catástrofes, deixamos que elas amadureçam. Elas não vêm porque os homens as querem; elas vêm porque os homens querem dormir. “Não podemos fazer nada com relação a isso. Se deve acontecer, é melhor não sabermos. A humanidade sempre esteve severamente ameaçada. As ameaças não estão diminuindo. Mas é preciso dormir, afinal de contas. Dormir”.

Mas não se pode fazer mímica enquanto se dorme.